



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE, CULTURA E ARTES
FILOSOFIA – BACHARELADO

THAYS APARECIDA DE FREITAS RODRIGUES

FILOSOFIA DA DIFERENÇA E EDUCAÇÃO EM DELEUZE

JUAZEIRO DO NORTE

2024

THAYS APARECIDA DE FREITAS RODRIGUES

FILOSOFIA DA DIFERENÇA E EDUCAÇÃO EM DELEUZE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade como requisito obrigatório para
obtenção do título de filosofia – bacharelado.

Orientador: Prof. Luiz Manoel.

JUAZEIRO DO NORTE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

R696f Rodrigues, Thays Aparecida de Freitas.
 Filosofia da diferença e educação em Deleuze / Thays Aparecida de Freitas
 Rodrigues. – Juazeiro do Norte, CE, 2024.
 35 f.

Orientador: Prof. Dr. Luíz Manoel da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia - Bacharelado) –
Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE, 2024.

1. Filosofia da diferença. 2. Educação contemporânea. 3. Gilles Deleuze. 4. Práticas pedagógicas inovadoras. 5. Multiplicidade. I. Silva, Luíz Manoel da, orient.
II. Universidade Federal do Cariri. III. Título.

CDD 194

THAYS APARECIDA DE FREITAS RODRIGUES

FILOSOFIA DA DIFERENÇA E EDUCAÇÃO EM DELEUZE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade como requisito obrigatório para
obtenção do título de filosofia – bacharelado.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Manoel Lopes. (Orientador)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Prof.(a) Dra. Regiane Collares.
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Prof. Dr. Fernando Gimpo.
Universidade Estadual do Cariri (URCA)

JUAZEIRO DO NORTE, 13 DE DEZEMBRO DE 2025

RESUMO

Este investiga aspectos da filosofia de Gilles Deleuze e sua relação com a educação, especialmente a educação contemporânea. A análise proposta se concentra não na aplicação instrumental do pensamento deleuziano à educação, mas em compreender como sua filosofia é capaz de inspirar novas maneiras de pensar e praticar o ato educativo. A escolha de Deleuze como foco visa responder às diversas necessidades da educação contemporânea, marcadas por constantes desafios decorrentes das transformações tecnológicas, sociais e culturais. Assim, esta investigação reside na observação de que os modelos educacionais vigentes muitas vezes se mostram insuficientes diante dos desafios impostos por uma sociedade em rápida mudança. A educação, vista sob uma ótica deleuziana, evoca a ideia de um processo contínuo de devir, uma construção que se transforma incessantemente. Assim, o trabalho se posiciona na intersecção entre filosofia e educação, propondo uma leitura crítica da realidade educacional à luz dos conceitos deleuzianos. Esta abordagem implica reconhecer a educação como um campo de forças, um espaço de encontros, conflitos e possibilidades, onde a aprendizagem se configura como um processo aberto, dinâmico e criativo. A partir dessa perspectiva, objetiva-se refletir sobre as potencialidades de uma educação que valorize a singularidade, a experimentação e a criação, em contraponto a modelos baseados na homogeneização e na repetição. A pesquisa não busca respostas definitivas, mas sim abrir caminhos, suscitar questões e inspirar a busca por uma educação que esteja à altura dos desafios e potencialidades do nosso tempo.

Palavras-chave: Filosofia da diferença, Educação contemporânea, Gilles Deleuze, Práticas pedagógicas inovadoras, Multiplicidade, Devir, Singularidade.

ABSTRACT

This investigation explores aspects of Gilles Deleuze's philosophy and its relationship with education, particularly contemporary education. It focuses not on the instrumental application of Deleuzian thought to education but on understanding how his philosophy can inspire new ways of thinking and practicing education. Deleuze is chosen to address the diverse needs of contemporary education, characterized by constant challenges arising from technological, social, and cultural transformations. The investigation is based on the observation that current educational models often prove insufficient against the challenges posed by a rapidly changing society. Education, viewed through a Deleuzian lens, evokes the idea of a continuous process of becoming, a construction that transforms incessantly. Thus, the work positions itself at the intersection of philosophy and education, proposing a critical reading of educational reality in light of Deleuzian concepts. This approach implies recognizing education as a field of forces, a space of encounters, conflicts, and possibilities, where learning is configured as an open, dynamic, and creative process. From this perspective, the objective is to reflect on the potential of an education that values singularity, experimentation, and creation, in contrast to models based on homogenization and repetition. The research does not seek definitive answers but aims to open paths, raise questions, and inspire the search for an education that meets the challenges and potentialities of our time.

Keywords: Philosophy of difference, Contemporary education, Gilles Deleuze, Innovative pedagogical practices, Multiplicity, Becoming, Singularity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1 A Filosofia de Gilles Deleuze	9
2.1.1. Deleuze e a Educação.....	16
3 EDUCAÇÃO DA CONTEMPORANEIDADE	21
3.1 Desafios e Possibilidades.....	21
3.1.1 Educação, Subjetividade e Criação.....	24
3.1.2 Implicações da Filosofia Deleuziana para Práticas Pedagógicas	27
4 CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca esclarecer aspectos da filosofia de Gilles Deleuze e sua relação com a educação, especialmente a educação contemporânea. Nesse sentido, o que este estudo propõe é uma análise do pensamento deleuziano, não com o intuito de aplicá-lo de maneira instrumental à educação, mas buscando compreender como sua filosofia tem potencial de inspirar novas maneiras de pensar e praticar o ato educativo.

Essa escolha de Deleuze não é arbitrária; a partir desse filósofo, buscamos responder às diferentes necessidades da educação contemporânea, que perpassam por desafios constantes devidos as transformações que a caracterizam, por conta dos inúmeros avanços nos meios de comunicação. Assim, a justificativa para tal investigação ancora-se na observação de que os modelos educacionais vigentes muitas vezes se mostram insuficientes diante dos desafios impostos por uma sociedade marcada pela rapidez das mudanças tecnológicas, sociais e culturais. A educação, vista sob uma ótica deleuziana, evoca a ideia de um processo contínuo de devir, uma construção que não se completa, mas que se transforma incessantemente.

É nesse sentido que o trabalho busca não apenas uma análise teórica, mas uma reflexão crítica sobre como os princípios deleuzianos de diferença, multiplicidade e devir podem contribuir para uma renovação das práticas educativas. Dessa forma, este estudo se posiciona na intersecção entre filosofia e educação, propondo uma leitura crítica da realidade educacional à luz dos conceitos deleuzianos. Tal abordagem implica reconhecer a educação como um campo de forças, um espaço de encontros, conflitos e possibilidades, onde a aprendizagem se configura como um processo aberto, dinâmico e criativo. A partir dessa perspectiva, objetiva-se refletir sobre as potencialidades de uma educação que valorize a singularidade, a experimentação e a criação, em contraponto a modelos baseados na homogeneização e na repetição. Assim, o trabalho se organiza de maneira a explorar, inicialmente, os fundamentos da filosofia de Deleuze, destacando conceitos-chave que ajudam a iluminar a discussão sobre educação. Em seguida, procura-se estabelecer um diálogo entre tais conceitos e as práticas educativas contemporâneas, considerando os desafios e as possibilidades que emergem desse encontro. A metodologia adotada envolve o levantamento bibliográfico, abrangendo tanto as obras de Deleuze e de Félix Guattari quanto estudos secundários que se debruçaram sobre a aplicabilidade de seus conceitos no campo da

educação. Por fim, espera-se que o desenvolvimento deste trabalho contribua não apenas para a ampliação do debate acadêmico acerca das possibilidades de renovação da educação, mas também para a prática pedagógica, ao sugerir novas formas de pensar e agir educacionalmente. Nesse sentido, a pesquisa não busca respostas definitivas, mas abrir caminhos, suscitar questões e inspirar a busca por uma educação que esteja à altura dos desafios e das potencialidades do nosso tempo. Esses elementos garantem a clareza, a organização e a coerência do trabalho, facilitando a compreensão e a navegação pelo conteúdo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para então esclarecer-se com profundidade o tema até então abordado, cabe aqui uma apresentação sobre Gilles Deleuze e suas bases filosóficas.

2.1 A Filosofia de Gilles Deleuze

De acordo com Hardt (1997) a filosofia de Deleuze marca uma ruptura com muitas das tradições filosóficas precedentes. Isto se deve, segundo o autor, a ênfase de Deleuze na diferenciação, na multiplicidade e no devir, elementos que desafiam as noções estáticas e homogeneizadoras que frequentemente permeiam as práticas educacionais. A partir daí, na filosofia deleuziana, há um aprofundamento de um pensamento processual e não linear, que carrega em si uma perspectiva crítica valiosa sobre a transformação educacional, uma análise que vai além da superfície e que investiga as potencialidades intrínsecas ao processo de aprendizagem. Nesse sentido,

Deleuze (2006) apresenta a noção de "diferença", que se constitui em um ponto de inflexão radical na forma como se compreende os processos de individuação e, por extensão, práticas educativas. Deleuze afirma que "a diferença é o estado no qual se pode falar de determinação como tal" (DELEUZE, 2006, p. 28), aqui ele não apenas redefine a diferença como algo primordial e constitutivo, mas também desloca o eixo de análise da identidade para a diferença, desafiando a lógica tradicional que compreende a diferença como derivativa ou negativa. É um movimento teórico que tem implicações significativas para a educação, afinal, ele sugere um paradigma em que a singularidade de cada aprendiz não é um obstáculo a ser superado, mas sim o ponto de partida para o processo educativo. É fácil perceber o

ineditismo da perspectiva de Deleuze ao afirmar tal condição. Por que essa inversão proposta por Deleuze (2006), na qual a diferença assume primazia sobre a identidade, implica uma rejeição das taxonomias fixas e das categorizações que buscam estabelecer limites claros e distintos entre sujeitos, objetos e conceitos. Partindo daí, concebemos uma educação sob uma perspectiva deleuziana, que para tal, demanda uma abertura para o inédito, para a experimentação e para a criação de novos modos de existência. Assim, ao invés de reproduzir conhecimentos e comportamentos normatizados, a educação precisa fomentar o encontro com o diferente, promovendo espaços de aprendizagem que estejam em constante transformação.

É importante enfatizar como essa abordagem pedagógica baseada na valorização da diferença desafia diretamente os modelos tradicionais, que frequentemente se pautam na uniformização dos processos de aprendizagem e na busca por resultados padronizados. Pois a proposta deleuziana de uma educação que se fundamente na diferença implica reconhecer que cada aprendiz traz consigo um potencial único de criação e transformação, que não pode ser plenamente realizado por meio de práticas que visam à assimilação passiva de conteúdos (HARDT, 1997). Não obstante, Deleuze (2006) enfatiza a diferença como motor de criação e transformação, trazendo assim a importância do devir no processo educativo.

Para Deleuze, o devir representa uma constante mudança de estado, um fluxo contínuo de transformações que não se fixa em identidades estáveis. Essa concepção se opõe a qualquer forma de essencialismo na educação, pois propõe, ao contrário, que o aprender seja compreendido como um processo de constante tornar-se, marcado pela fluidez e pela capacidade de reinvenção. Dessa forma, quando Deleuze (2006) coloca a diferença no centro da discussão sobre educação, ele implica uma transformação na forma como a educação é concebida, toda a educação, tamanha é sua proposta. Repensar radicalmente as práticas pedagógicas, partindo da ideia que a verdadeira aprendizagem ocorre na abertura para o novo, no encontro com o outro e na capacidade de se deixar afetar pelas múltiplas possibilidades de existência que o mundo oferece é uma perspectiva que requer uma postura ética e política por parte dos educadores, que devem se comprometer com a criação de 11 ambientes educacionais que não apenas tolerem, mas celebrem a diversidade e a multiplicidade de modos de ser e de aprender.

Ainda, por meio da filosofia de Deleuze é possível vislumbrar a profundidade e complexidade que se atribui à ideia de diferença. Pois, além daquilo que já discutimos, é imprescindível mencionar como Deleuze busca uma filosofia do múltiplo em oposição ao Uno, privilegiando o concreto cotidiano em detrimento do Universal abstrato. Um movimento filosófico que é descrito como uma "antidialética" por Alain Badiou, caracterizando o método

de Deleuze como uma forma singular de intuição que recusa pensar por categorias e mediações, criticando a filosofia tradicional que se produz por divisões e analogias (GALLO, 1992). Dentro deste contexto, Deleuze enfatiza uma "voz do Ser" que se multiplica e diferencia em múltiplas tonalidades, negando a dialética para buscar a multiplicidade, as diferenças e as variações que expressam o mesmo sem jamais ser unificadas (GALLO, 1992). Uma vez mais, Deleuze busca estabelecer a perspectiva que ressalta a singularidade e a multiplicidade como fundamentos da existência e do conhecimento, desafiando as concepções educacionais que buscam homogeneizar o aprendizado.

Nesse contexto, precisamos considerar a abordagem de Deleuze em relação à "diferença" e à "multiplicidade" como um caminho para repensar a educação de maneira que valorize as singularidades individuais e promova um ambiente de aprendizado inclusivo e adaptativo, e que ao invés de limitar os estudantes a objetivos educacionais uniformes, construa-se uma pedagogia inovadora de exploração criativa e de desenvolvimento de trajetórias de aprendizado personalizadas, associadas às complexidades do mundo contemporâneo, e da educação atual.

A filosofia de Deleuze, portanto, não oferece um modelo pedagógico específico, mas sim uma orientação filosófica capaz de inspirar práticas educativas que são dinâmicas, não lineares e abertas à experimentação. Ao colocar a "diferença" no centro do processo educativo, propõe-se um deslocamento paradigmático que enfatiza a aprendizagem como um processo contínuo de tornar-se, marcado pela descoberta e pela invenção. Assim, o conceito de "diferença" em Deleuze atua como um convite para os educadores repensarem suas práticas, buscando formas de ensino que reconheçam e cultivem as potencialidades únicas de cada aluno. Evidentemente que isso implica em um tipo de educação que é muito mais desafiadora, alinhando o ensino com as múltiplas possibilidades que caracterizam a existência humana. Antes de abordarmos outro importante conceito da filosofia de Deleuze, é preciso destacar ainda que, ao abraçar a "diferença" como um valor fundamental, a educação tem capacidade para se tornar um espaço de liberdade e de criação, onde os estudantes são incentivados a desenvolver suas próprias vozes e caminhos, contribuindo para uma sociedade mais diversa, dinâmica, inovadora, e em constante mutação. E é justamente dessa mudança contínua que Deleuze traz outro conceito fundamental. Trata-se do conceito de "devir", já mencionado, mas que devemos discutir com maior cuidado para entendermos melhor essa perspectiva deleuziana. O conceito de "devir" está intrinsecamente ligado às noções de diferença e multiplicidade, e refere-se à capacidade de transformação e à constante mudança de estado. Em Mil Platôs, Guattari e Deleuze (1995) elucidam o devir como algo que "não

pertence à história, a histórias" (GUATTARI; DELEUZE, 1995, p. 11), o que significa que o devir é um processo de constante tornar-se, uma fuga do essencialismo e uma abertura para a experimentação. Quando consideramos o contexto educacional, o conceito de devir implica reconhecer que a prática pedagógica é algo que está sempre em movimento, é algo que se afasta de currículos e métodos rígidos e que favorece as experiências de aprendizagem caracterizadas pela inovação e pela criatividade. O devir implica jamais conformar-se frente a realidade educacional, por mais desafiadora que ela seja. Gallo (1992, p.24) ao discutir sobre conceito destaca que "todo conceito é, pois, sempre, um acontecimento, um dizer o acontecimento; portanto, se não diz a coisa ou a essência mas o evento, o conceito é sempre devir", isto é, a ideia de transformação constante e de processos contínuos de tornar-se são centrais, pois esse entendimento implica na natureza dinâmica e não fixa da realidade, contrariando concepções estáticas de identidade e essência.

Deleuze, ao considerar o devir como um elemento fundamental da existência, traz a perspectiva que reconsidera o papel da educação e do aprendizado. Sob essa ótica, a educação não pode ser vista como a transmissão de um corpo estático 13 de conhecimentos, mas sim como um processo vivo e evolutivo, no qual estudantes e educadores estão constantemente em transformação. A pedagogia torna-se, assim, um campo de experimentação, onde o novo sempre tem espaço para emergir. Neste entendimento as práticas educativas devem ser desenhadas de modo a favorecer o devir, ou seja, a capacidade dos aprendizes de se transformarem e de transformarem o mundo ao seu redor, o que requer ambientes de aprendizado que sejam flexíveis, que incentivem a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico, e que reconheçam a singularidade de cada trajetória de aprendizagem.

Ainda, de acordo com Gallo (1992), a concepção deleuziana de devir desafia a ideia de currículos fechados e homogêneos, trazendo a ideia de que o conteúdo educacional deve estar aberto a revisões constantes, adaptando-se às novas realidades e necessidades dos estudantes, o que promove uma educação que é relevante e significativa para os alunos, capacitando-os a navegar em um mundo em constante mudança. Nesse sentido, é preciso considerar a filosofia de Deleuze e seu potencial disruptivo e transformador para a educação. Quer dizer, os conceitos de diferença, multiplicidade e devir desmistificam as estruturas educacionais tradicionais, além de proporcionarem uma concepção de educação que incentiva a construção de práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas, dinâmicas e criativas. Além disso, para Silva e Sousa (2020) a concepção proposta por Deleuze, apresenta a filosofia não como um exercício de contemplação, reflexão ou comunicação, mas como um campo de criação ininterrupta. De acordo com os autores, Deleuze e Guattari estabelecem em seus trabalhos, a

filosofia como um processo dinâmico de criação de conceitos, contrapondo-se à tradicional imagem dogmática do pensamento. Conforme Deleuze e Guattari, a filosofia: não é contemplação, pois as contemplações são as coisas elas mesmas enquanto vistas na criação de seus próprios conceitos. Ela não é reflexão porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja. E a filosofia não encontra nenhum refúgio último na comunicação, que não trabalha em potência a não ser de opiniões para criar o 'consenso' e não o conceito (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 12 apud SILVA; SOUSA, 2020, p.66). 14 Nesse sentido, existe na filosofia de Deleuze uma ruptura fundamental com a concepção tradicional de filosofia, situando a prática filosófica na criação ativa e na experimentação, em vez de na representação ou na busca de um consenso universal.

A própria filosofia, na visão de Deleuze, é um acontecimento de devir, um processo contínuo que desafia as noções preestabelecidas e abre espaço para a emergência do novo (SILVA; SOUSA, 2020). Essa ênfase na criação de conceitos como prática filosófica estabelece uma filosofia que é essencialmente produtiva, engajada na invenção de novas formas de pensar e de ser. Para Silva e Sousa (2020) o enfoque de Deleuze na criação, dá destaque ao papel do filósofo como um criador de conceitos, alguém cuja competência reside na capacidade de discernir quais conceitos são viáveis e consistentes, e não meramente na capacidade de analisar ou comentar conceitos existentes. Assim, a filosofia é entendida não apenas como uma disciplina acadêmica, mas como uma forma de engajamento ativo com o mundo, uma prática que transforma tanto o pensador quanto o pensamento. É um posicionamento que reflete a crítica à filosofia clássica e seu foco na representação e na busca de verdades universais, propondo, em vez disso, uma filosofia que é imanente à própria vida, uma filosofia que é feita no e pelo movimento de criação.

Nesse sentido, a filosofia deleuziana abre novas possibilidades para o pensamento e a ação, desafiando a pensar além dos limites do já conhecido e a engajar na invenção de novas realidades (SILVA; SOUSA, 2020). Não obstante, Silva e Sousa (2020) destacam que essa crítica de Deleuze à concepção clássica de aprendizagem e conhecimento desafia diretamente o tradicional paradigma educacional, fundamentado na repetição e na imitação. A partir disso, esclarecem os autores, Deleuze propõe o que já discutimos anteriormente, isto é, uma educação que valoriza a experiência singular, enfatizando a importância da "diferença" e da "repetição" como forças criativas e produtivas no pensamento, em uma perspectiva pedagógica que tende a destacar o movimento da aprendizagem como um processo ativo de engajamento com o mundo, marcado pela singularidade e pela novidade. Deleuze articula então uma visão sobre a aprendizagem, destacando que nada se aprende pela simples imitação

dos outros. Como ele afirma, 15 Nada aprendemos com aqueles que nos diz: faça como eu. Nossos mestres são aqueles que nos dizem 'faça comigo', e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo (DELEUZE, 1988, p. 31 apud SILVA; SOUSA, 2020, p.59). Assim, fica evidente a rejeição deleuziana da educação baseada na reprodução e na conformidade, ao invés disso, o que se propõe é um modelo pedagógico que enfatiza a criação, a experimentação e a invenção.

Dessa forma, Silva e Sousa (2020) denotam como a abordagem de Deleuze à aprendizagem e ao conhecimento se alinha com sua filosofia mais ampla, que desafia as estruturas rígidas e busca liberar o potencial criativo inerente a cada experiência de pensamento. Ao priorizar o "pensar com" em detrimento do "pensar como", Deleuze abre espaço para uma educação que é verdadeiramente transformadora, não apenas para o estudante, mas para o próprio conhecimento. É um modelo educacional que não busca apenas transmitir informações ou habilidades, mas, sobretudo, cultivar uma capacidade de engajamento crítico e criativo com o mundo. Essencialmente, a crítica de Deleuze recai sobre a ideia de que a aprendizagem deve ser um processo de descoberta ativa, onde o aprendiz é incentivado a explorar, questionar e, finalmente, contribuir para o conhecimento de maneira significativa.

Ao fazer isso, Deleuze não apenas redefine o papel da educação na sociedade, mas também destaca a importância de reconhecer e valorizar a singularidade de cada indivíduo e de cada processo de aprendizagem (SILVA; SOUSA, 2020). Portanto, como discutimos ao longo desse trabalho, está evidente que Deleuze marca uma ruptura com as convenções pedagógicas tradicionais, sugerindo que a verdadeira aprendizagem ocorre na fronteira da inovação e na capacidade de experimentar com o novo, um enfoque na diferença e na repetição como elementos centrais na construção do conhecimento ressalta a dinâmica entre o singular e o universal, reconfigurando nossa compreensão sobre como o conhecimento é gerado e compartilhado. Além disso, Silva e Sousa (2020) marcam a noção deleuziana de conceito, por sua complexidade e pluralidade, pois de acordo com Deleuze e Guattari, o conceito é caracterizado por sua "multiplicidade", sendo "absolutos" devido ao 16 lugar que ocupam sobre o plano de imanência e "relativos" ao plano do qual se delimitam.

Eles afirmam: Em toda parte reencontramos o mesmo estatuto pedagógico do conceito: uma multiplicidade, uma superfície ou um volume absoluto, autorreferentes, compostos de um certo número de variáveis intensivas inseparáveis segundo uma ordem de vizinhança e percorridos por um ponto em um estado de sobrevoo (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 42, apud SILVA; SOUSA, 2020, p.69). Essa passagem elucida a natureza dinâmica e

não linear dos conceitos, que não são simplesmente descritivos ou representativos, mas atuam como agenciamentos que transformam ativamente a imagem do pensamento. Os conceitos, em sua essência, são entendidos como entidades que engendram novas realidades, em vez de meramente categorizar ou explicar o mundo preexistente. Eles são entidades incorpóreas e não discursivas, que não encadeiam proposições de maneira extensiva, mas são autorreferentes e definidos intensivamente, sugerindo uma maneira de pensar que é radicalmente diferente da lógica representacional tradicional (SILVA; SOUSA, 2020). A ênfase de Deleuze na multiplicidade e na natureza absoluta e relativa dos conceitos reflete sua tentativa de superar as dualidades e hierarquias inerentes ao pensamento filosófico tradicional. Ao conceber os conceitos como agenciamentos que operam em um plano de imanência, Deleuze desloca o foco do pensamento filosófico da representação e da identidade para a experimentação e a diferença, em um processo que reconfigura a natureza do conceito filosófico, além de redefinir o papel do filósofo: de um contemplador ou reflexivo a um criador ativo, cuja tarefa é inventar novos modos de existência e pensamento. Assim, se concebe uma noção deleuziana de conceito que representa um desafio radical à imagem dogmática do pensamento, propondo uma filosofia que é intrinsecamente criativa e experimental. Deleuze e Guattari obrigam a repensar a natureza e a função da filosofia, trabalhando a importância da criação, da multiplicidade e da experimentação no coração da prática filosófica.

Dessa forma, a trindade filosófica de Deleuze é composta por criar, traçar e inventar, fundamentos essenciais da prática filosófica. Essa trindade sublinha a natureza ativa e construtiva do papel do filósofo, que transcende a mera interpretação do mundo para participar diretamente de sua criação. Deleuze esclarece essa visão ao afirmar que a filosofia envolve criar conceitos, traçar o plano de imanência e inventar personagens conceituais, elementos que juntos movimentam o pensamento numa enunciação filosófica (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Além disso, a distinção entre os planos de imanência e os conceitos que os habitam, sua natureza não hierárquica e não representacional do pensamento filosófico em Deleuze, propõe uma filosofia como campo de experimentação contínua, onde conceitos são sempre em devir, destacando a imagem do pensamento como um horizonte de acontecimentos conceituais, independentes de um estado de coisas visível (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Por fim, nossa análise revela a visão de Deleuze sobre a relação entre filosofia, arte e ciência, onde apesar de distintas em métodos e objetos, todas compartilham a tarefa comum de criação. Deleuze e Guattari (1992) elucidam essa interconexão ao afirmar que a verdadeira tarefa da filosofia é criar conceitos, enquanto a ciência cria funções e a arte cria agregados sensíveis, ressaltando a importância da interdisciplinaridade e do diálogo entre diferentes

formas de conhecimento. Essa trindade filosófica delineia uma nova arquitetura do pensamento que enfatiza o dinamismo e a criatividade inerentes ao processo filosófico. Ao invés de se ater a conceitos pré-estabelecidos, Deleuze incentiva uma prática filosófica marcada pela invenção e pela experimentação, reconfigurando assim a relação entre o pensador e o mundo.

A filosofia, sob essa ótica, torna-se uma aventura criativa, um processo contínuo de inovação conceitual que visa não apenas compreender o mundo, mas também transformá-lo.

2.1.1. Deleuze e a Educação

Gallo (1992) conduz uma investigação sobre como as ideias de Deleuze podem influenciar e renovar o pensamento e a prática educacional, apesar de Deleuze não ter se dedicado especificamente a este campo.

O que Gallo propõe é uma leitura da educação que se alinha à filosofia de Deleuze, enfatizando a criação, a experimentação e a valorização das diferenças em detrimento de modelos educacionais tradicionais, que muitas vezes priorizam a reprodução do conhecimento ao invés de sua inovação. Assim, Gallo (1992) destaca a relevância do pensamento deleuziano para compreender e enfrentar os desafios contemporâneos da educação.

O autor indica que as ideias de Deleuze, como a valorização do novo, do inusitado e do diferente, tem potencial para contribuir significativamente para uma prática educativa que se afasta de modelos padronizados e busca promover uma experiência de aprendizagem transformadora: a razão disso? O inusitado. O imprevisto. O diferente. O que as ideias, os conceitos, as posições deste autor, que não tendo se colocado diretamente às questões com as quais lidamos, podem nos fazer pensar a partir de nossos próprios problemas (GALLO, 1992, p.3). Gallo argumenta, portanto, que ao aplicar os conceitos deleuzianos à educação, é possível criar um ambiente de aprendizagem que estimula a criatividade, a crítica e a inovação, elementos essenciais para o desenvolvimento de indivíduos capazes de pensar e agir de forma autônoma e original. Não obstante, Gallo (1992) faz uma crítica à tendência da educação contemporânea de se focar em resultados mensuráveis e padronizados, esclarecendo que essa abordagem pode limitar o potencial criativo e crítico dos alunos. Inspirando-se em Deleuze, ele sugere que a educação deveria priorizar experiências de aprendizagem que são singulares e que promovem o pensamento crítico e a inovação, em vez de se concentrar

apenas na aquisição de conhecimentos pré-determinados e na conformidade com padrões externos. Gallo (1992) também explora como a filosofia de Deleuze, com os conceitos descritos anteriormente, como multiplicidade, devir, e a crítica à representação, oferece caminhos para repensar a educação de maneira não hierárquica e mais conectada com a vida. Gallo indica que uma educação inspirada em Deleuze deveria promover encontros produtivos, favorecer conexões inesperadas e estimular a criação intelectual e artística, desafiando assim os modelos educacionais convencionais que muitas vezes se limitam à transmissão de conhecimento estático. 19 Ao longo de seu trabalho, Gallo enfatiza a importância de uma "filosofia da diferença" na educação, propondo que essa abordagem pode contribuir para a formação de indivíduos capazes de pensar e agir de maneira inovadora e crítica. Ele sugere então que, ao invés de buscar a conformidade e a reprodução do conhecimento existente, a educação deveria ser um espaço de criação e experimentação, onde alunos e professores são encorajados a explorar novas ideias e possibilidades.

Gallo acaba concluindo que as ideias de Deleuze nos oferecem uma visão radicalmente inovadora e desafiadora para a educação, que convida os educadores e alunos a repensar a prática educativa como um espaço de criação contínua e transformação. Ele defende uma educação que não apenas prepara os alunos para o mundo como ele é, mas que também os encoraja a imaginar e construir mundos diferentes, destacando assim o potencial transformador da educação inspirada na filosofia deleuziana.

Da mesma forma, para Torrelly (2019) a educação, interpretada através da filosofia de Deleuze, emerge como um processo contínuo de resistência contra a simplificação e mercantilização do sentido. Nessa perspectiva, o que se propõe é uma prática educativa que se distancia da reprodução de conhecimentos estagnados e da imposição de significados unilaterais. Em vez disso, privilegia-se um ambiente de aprendizado que encoraja a exploração, a experimentação e a criação de novos sentidos, numa tentativa de escapar das armadilhas da homogeneização cultural e intelectual. Neste contexto, a educação deleuziana destaca-se por sua capacidade de engajar os estudantes em um processo de "desapropriação" dos sentidos pré-estabelecidos, incentivando-os a questionar e subverter as normas e os significados dominantes. Ao fazer isso, tal educação não apenas expande os horizontes cognitivos e criativos dos aprendizes, mas também os capacita a resistir às forças opressivas que buscam controlar e limitar o potencial humano para a inovação e a diversidade de pensamento (TORRELY, 2019). De acordo com Torrelly (2019) a ênfase desse modelo de educação se constitui em uma tentativa de proteger o espaço para o pensamento crítico e a expressão individualizada, ao mesmo tempo que desafia a lógica capitalista que

frequentemente busca capturar e monetizar todos os aspectos da vida humana, incluindo o campo da educação. Esta abordagem pedagógica, portanto, não só preserva a "casa vazia do sentido", como também estabelece um terreno para a emergência de novas possibilidades de pensamento e expressão, libertas das restrições impostas por estruturas de poder e conhecimento arcaicas. Para Torrely (2019), a proposta de uma educação fundamentada na filosofia de Deleuze aponta para um caminho de aprendizagem que valoriza a multiplicidade, a variação e a diferença como princípios educativos essenciais.

Em contraposição aos métodos pedagógicos que enfatizam a memorização e a conformidade, a educação deleuziana favorece uma abordagem que é dinâmica, fluida e aberta a constantes reconfigurações, refletindo a natureza sempre em transformação do conhecimento e da experiência humana. Evidentemente o Torrely (2019) concorda que essa perspectiva tem implicações profundas para a prática educacional, exigindo que os educadores adotem posturas flexíveis, exploratórias e colaborativas em seu trabalho. Ao invés de serem vistos como detentores do conhecimento, os professores precisam ser encorajados a se tornarem co-criadores de experiências de aprendizagem junto aos seus alunos, facilitando processos pelos quais o sentido pode ser continuamente negociado, reinterpretado e reinventado. Para Kohan (2002) Deleuze estabelece um diálogo crítico que explora as implicações do pensamento no campo da educação.

O autor contextualiza essa relação entre Deleuze e a educação como um espaço de encontro entre dois domínios distintos: a força vital da filosofia contemporânea representada por Deleuze e o sistema educacional, caracterizado por suas práticas discursivas e não discursivas. Kohan (2002) argumenta que a educação, em sua forma tradicional, está impregnada de dualismos, modelos e controle, o que contrasta diretamente com o pensamento deleuziano que valoriza a diferença, a singularidade e o devir. Assim, Kohan propõe um repensar da educação a partir de um encontro com Deleuze, buscando transformações que permitam uma educação que afirme a vida, a potência e a singularidade. Uma das principais críticas de Kohan (2002) à educação convencional é sua tendência à reprodução do mesmo, à conformidade e à limitação do pensamento crítico e criativo.

O autor indica a necessidade de uma "política do pensamento" na educação que esteja em consonância com a ontologia deleuziana da diferença e do devir, opondo-se à representação e ao modelo prevalecente. Não obstante, Kohan (2002) também aborda a questão política da educação, demonstrando que os desafios contemporâneos do ensino estão intrinsicamente ligados a uma política de modelos homogeneizantes e moralizantes. Contrariamente, a educação deveria se orientar por uma política que valorize a singularidade,

resistindo às forças unificadoras e controladoras do capitalismo, do mercado e das instituições democráticas tradicionais. Assim, Kohan, ao pautar-se em Deleuze, propõe a já mencionada educação que se afasta dos métodos tradicionais de ensino e aprendizagem, baseados na transmissão e reprodução do conhecimento, e se direciona para uma prática que valoriza a experiência, o encontro com o desconhecido e a criação de novos caminhos de pensamento. A ideia é que educadores e alunos possam se tornar "devires" que estão constantemente em transformação, abertos a novas possibilidades de existência e pensamento.

De forma semelhante, Schérer (2005) trabalha profundamente a concepção de aprendizagem na filosofia de Deleuze, e a partir da sua análise a coloca como um processo contínuo de adaptação, criação e resistência às normativas educacionais tradicionais. Schérer ilumina como Deleuze percebe o aprender não como a aquisição de um saber estático, mas como uma aventura pela vida, implicando um compromisso com a experimentação e a invenção contínua. Primeiramente, Schérer (2005) ressalta a importância do desejo e do agenciamento no processo de aprendizagem, contrapondo-se à reprodução de saberes predeterminados e à conformidade. Ele destaca que Deleuze, através de sua abordagem, desafia os métodos convencionais de ensino, propondo uma educação que esteja alinhada com a produção de novidade, a multiplicidade e a singularidade. A partir daí Schérer enfatiza que aprender com Deleuze envolve um desprendimento do eu, uma ultrapassagem dos limites da subjetividade tradicional, permitindo uma abertura para devires que transformam tanto o educando quanto o educador.

Trata-se de um movimento de aprendizagem que vai além do simples ato de conhecer, entrando em um território de criação e experimentação contínua. 22 Schérer (2005) também destaca a crítica deleuziana à fixação nas dicotomias de verdadeiro/falso como limitantes do pensamento e da aprendizagem, propondo uma reavaliação radical de como os problemas são formulados e abordados na educação. A aprendizagem, sob esta perspectiva, torna-se um ato de enfrentamento aos clichês e à estagnação intelectual, promovendo uma educação que é, em sua essência, uma forma de vida.

Além disso, Schérer (2005) discute a relevância da ideia de que o aprendizado deve ser desvinculado de preconceitos e instituições preestabelecidas, enfatizando a importância da experiência pessoal e dos encontros inesperados como catalisadores do processo educativo. Nesse contexto, a educação transforma-se em uma jornada de descoberta pessoal e coletiva, onde o aprender é inseparável do devir. Nesse sentido, o aprender em Deleuze é um processo de constante questionamento e reinvenção, que desafia os paradigmas educacionais tradicionais e promove uma educação que é profundamente ligada à vida, à criatividade e à

liberdade. Schérer não apenas expõe a filosofia de Deleuze como uma crítica à educação convencional, mas também como um convite à transformação radical do processo de aprendizagem, onde o aprender e o ensinar são atos de criação incessante. Vinci (2014) também explora a relação entre Deleuze, Guattari e a educação, e traz em meio a isso uma perspectiva inovadora, que busca desestabilizar e reconfigurar as práticas educacionais tradicionais. Através da valorização da experimentação, o enfoque do autor promove uma educação que é simultaneamente dinâmica e adaptável, capaz de responder às necessidades e potencialidades individuais de aprendizagem.

Para Vinci (2014) esta perspectiva abre espaço para uma pedagogia que é menos focada em resultados predeterminados e mais interessada nos processos de aprendizagem como acontecimentos criativos e transformadores. Nesse sentido, a educação se torna um espaço de liberdade, onde o aprender é entendido como um processo de devir, caracterizado pela constante mudança e pelo engajamento ativo com o novo, é uma abordagem que desafia os métodos educacionais baseados na repetição, favorecendo, em vez disso, a exploração, a curiosidade e a invenção. ²³ Em termos práticos, a aplicação dos conceitos deleuze-guattarianos na educação implica a adoção de estratégias pedagógicas que promovam a autonomia do aprendiz, o pensamento crítico e a capacidade de criar e questionar, ao invés de simplesmente absorver conhecimento preexistente. Isso pode envolver, por exemplo, o uso de técnicas de ensino que incentivem a colaboração, a pesquisa baseada em projetos, e a reflexão crítica sobre os próprios processos de aprendizagem (VINCI, 2014). Vinci (2014) esclarece que esta reorientação filosófica também exige uma avaliação crítica dos espaços educacionais, onde se propõe a criação de ambientes de aprendizagem que sejam flexíveis, inclusivos e adaptáveis às necessidades dos estudantes.

O que acaba por refletir a ideia de que a educação deve ser capaz de acolher a diversidade de experiências e perspectivas, promovendo o encontro de diferenças de forma produtiva e criativa. Por fim, ao desafiar as normativas rígidas e as estruturas hierárquicas tradicionais da educação, Vinci (2014) indica que Deleuze e Guattari inspiram uma prática educacional que é radicalmente democrática e horizontal.

Eles defendem uma educação que é feita com os alunos, e não para os alunos, enfatizando a importância do diálogo, da participação ativa e da co-criação do conhecimento. Portanto, a contribuição de Deleuze e Guattari para a educação vai além da mera teoria; ela oferece uma visão prática e uma série de estratégias pedagógicas que visam transformar a educação em um espaço de liberdade, experimentação e criação contínua, ressoando com as demandas contemporâneas por uma educação mais adaptável, inclusiva e engajada com a

complexidade do mundo atual.

3 EDUCAÇÃO DA CONTEMPORANEIDADE

Cabe a educação na atualidade minimizar ou reverter pontos de análises citados, assim como reforçar pontos que realizam transformação

3.1 Desafios e Possibilidades

A educação contemporânea enfrenta o desafio de preparar indivíduos para um mundo caracterizado por mudanças constantes e aceleradas, exigindo uma capacidade de adaptação e aprendizado contínuo. A perspectiva de Deleuze, que enfatiza a importância do "devir" e da criação contínua propõe essa 24 abordagem educacional que valoriza a experimentação, a inovação e a capacidade de responder dinamicamente às novas demandas e contextos. Em vez de perguntar o que algo significa, devemos perguntar como funciona, que relações de velocidade e lentidão, de movimento e repouso, que modos de energia e para que fins são utilizados (DELEUZE, 2006).

Assim, a abordagem deleuziana de entender as estruturas e os processos em seus termos operacionais e funcionais parte de uma perspectiva que pode ser extremamente útil na reformulação dos objetivos e métodos educacionais para se trabalhar os desafios contemporâneos. Nesse sentido, ao aplicar os conceitos de Deleuze à educação, somos convidados a repensar a sala de aula como um espaço de "devir", onde o aprendizado é visto como um processo contínuo de transformação e onde a diversidade de experiências e perspectivas é valorizada.

O que abre possibilidades para uma educação que não apenas transmite conhecimento, mas que também capacita os alunos a se tornarem pensadores críticos e criativos, aptos a navegar e contribuir para o mundo complexo em que vivemos. Dessa forma, Gontijo (2008) realiza uma profunda investigação sobre as potencialidades do pensamento deleuziano na educação. O autor faz uma reflexão sobre a escrita e sua experiência pessoal de encontro com o pensamento de Deleuze, onde ele destaca a importância de abordagens não lineares e rizomáticas na compreensão e prática educacional. Ele discute o conceito de sociedade disciplinar e sociedade de controle, traçando paralelos com o sistema educacional e demonstrando que a pedagogia pode se beneficiar das ideias de Deleuze para promover uma

aprendizagem criativa e menos restritiva.

Nesse contexto, a proposta de Gontijo (2008) é de desterritorializar a educação, romper com os moldes tradicionais de ensino e abrir caminho para uma pedagogia flexível, criativa e inovadora. Ele sugere uma educação que se liberte das "máquinas edipianas" que definem arbitrariamente os caminhos do desejo e da aprendizagem, em favor de um modelo que permita experienciar outras possibilidades de localização, intensidade e direção. Gontijo argumenta que olhar a escola de uma outra forma e reconstruí-la com novos componentes e composições são atos que permitem uma desterritorialização do exercício 25 docente, afastando-o dos lugares comuns críticos do estabelecimento educacional. Esta visão implica uma transformação profunda não apenas na estrutura física e organizacional das instituições educacionais, mas também na mentalidade com que abordamos a educação. Ao invés de um sistema rígido e hierarquizado, Gontijo propõe um modelo educacional que valorize a experimentação, a multiplicidade e a diversidade de trajetórias de aprendizagem. A desterritorialização, portanto, não é apenas um processo espacial, mas também conceitual, afetando a maneira como concebemos o conhecimento, a aprendizagem e o papel do educador (GONTIJO, 2008).

Este processo requer um afastamento das práticas educacionais que buscam a padronização e a conformidade, em favor de práticas que promovam a autonomia, a criatividade e a capacidade crítica dos estudantes. Significa, também, reconhecer e valorizar as múltiplas inteligências e as diversas formas de expressão e compreensão do mundo, permitindo que os alunos trilhem seus próprios caminhos de aprendizado de acordo com suas paixões, interesses e necessidades (GONTIJO, 2008). Mas essa proposta de desterritorialização da educação de Gontijo, apresenta desafios significativos. Isso porque requer uma mudança de paradigma que vai além da adoção de novas técnicas pedagógicas ou tecnologias educacionais. Implica em repensar os fundamentos sobre os quais o sistema educacional está construído, questionando e reformulando os valores, as metas e os métodos que definem o que significa ensinar e aprender.

Além disso, essa abordagem coloca em evidência a necessidade de uma maior flexibilidade no currículo e nas metodologias de ensino, enfatizando a importância do diálogo, da interdisciplinaridade e da colaboração. Exige dos educadores uma postura aberta e adaptável, capaz de responder às demandas de um mundo em constante mudança e de preparar os estudantes não apenas para absorver conhecimentos existentes, mas para criar novos conhecimentos e soluções para os desafios futuros (GONTIJO, 2008). Nesse sentido, a abordagem de Gontijo sobre a educação propõe uma pedagogia que se caracteriza pela

resistência ao sujeitamento das formas de poder existentes, uma abertura para a experimentação sem a certeza de uma direção predeterminada. Tal pedagogia é concebida como uma série de "linhas 26 de fuga", que não seguem um caminho ou destino fixo, mas sim movem-se em direções que promovem a diferenciação. Este modo de pensar e praticar a educação está voltado para a multiplicidade de possibilidades que são, intencionalmente, não mapeadas e abertas a serem exploradas. Gontijo enfatiza a importância de uma postura docente permeável a "outros agenciamentos", ou seja, aberta a influências e conexões que potencializam a vida tanto de professores quanto de alunos. Ele critica a rigidez na busca de uma identidade docente fixa, que limita a capacidade do educador de se abrir ao novo e de navegar entre o conhecido e o desconhecido. Essa pedagogia desafia diretamente a hierarquia e o binarismo tradicionalmente presentes no pensamento educacional, propondo, em vez disso, um valorização da multiplicidade, da diferença e da imanência. O ato de ensinar e aprender, sob essa ótica, não é visto como um processo de transmissão de conhecimento de uma autoridade central para receptores passivos, mas como uma prática mutuamente transformadora, onde tanto professores quanto alunos estão em constante movimento, explorando e criando conhecimento de maneira colaborativa e não-linear (GONTIJO, 2008). Ao propor uma pedagogia permeável a outros agenciamentos, Gontijo traz uma perspectiva educacional que é fundamentalmente dinâmica, capaz de se adaptar e responder às demandas de um mundo em constante transformação, o que implica uma rejeição de modelos educacionais que buscam impor uma identidade única ou um caminho predeterminado para o desenvolvimento pessoal e intelectual. Neste contexto, a educação torna-se um espaço de liberdade, onde a experimentação e a descoberta são fundamentais. Através da abertura para novos agenciamentos e da rejeição de identidades fixas e rígidas demarcações, professores e alunos são encorajados a engajar-se em processos educacionais que são, por natureza, transformadores, tanto em nível individual quanto coletivo. Tal abordagem não apenas desafia as normas e práticas educacionais estabelecidas, mas também oferece um caminho promissor para a realização de uma educação verdadeiramente inclusiva e emancipatória.

Em Gontijo (2008) a obra de Deleuze é apresentada como um caminho fecundo para repensar a educação, propondo uma ruptura com paradigmas convencionais e estimulando a criação de espaços educativos que promovam o 27 pensamento crítico, a autonomia e a experimentação. Gontijo conclama a uma prática educativa que esteja alinhada com a vida, que reconheça e valorize as singularidades dos indivíduos e que esteja aberta às inúmeras possibilidades de ser e aprender.

3.1.1 Educação, Subjetividade e Criação

Barros, Munari e Abramowicz (2017) trazem a filosofia da diferença de Deleuze com foco em sua influência no campo da educação, cultura e subjetividade. Os autores se concentram, principalmente, na relação entre educação, subjetividade e criação dentro do pensamento deleuziano, desvendando como seus conceitos influenciam práticas educativas e a formação da subjetividade.

Nesse sentido, Barros, Munari e Abramowicz (2017) esclarecem que Deleuze, influenciado por Nietzsche, articula uma crítica ao essencialismo e ao pensamento representacional, promovendo uma valorização da diferença, do devir e da imanência, uma abordagem já discutida, que se opõe à ideia de que o conhecimento e a subjetividade se fundamentam em identidades estáveis e universais, defendendo, ao invés disso, a singularidade, a multiplicidade e os processos de diferenciação. No contexto educacional, já entendemos que isso implica uma crítica às pedagogias tradicionais, que tendem a moldar os estudantes a partir de modelos predefinidos, ignorando as potencialidades criativas e transformadoras da diferença. Barros, Munari e Abramowicz (2017) também esclarecem que a educação, sob a perspectiva deleuziana, deve abrir espaço para o novo, permitindo que a aprendizagem se dê em um processo contínuo de experimentação e criação, onde o aluno é visto como um ser singular, capaz de inventar e transformar sua realidade. Mas o que os autores trazem de diferente são os conceitos de rizoma, devir e corpo sem órgãos, segundo eles, centrais na proposta de Deleuze para pensar a educação. O rizoma representa uma alternativa ao pensamento arborescente, que organiza o conhecimento de maneira hierárquica e linear. Como metáfora, o rizoma reflete uma organização não hierárquica e aberta, caracterizada pela multiplicidade, conexão e heterogeneidade.

Na educação, 28 sugere um currículo flexível e interdisciplinar, promovendo a aprendizagem conectiva e adaptativa, em oposição aos modelos rígidos e sequenciais (BARROS; MUNARI; ABRAMOWICZ, 2017). Já o devir, apresentado anteriormente, aqui é descrito como à constante mudança e transformação, um processo pelo qual entidades se tornam outras, sem nunca alcançar uma forma final ou estável. Aplicado à educação, enfatiza a importância da experiência, da experimentação e da transformação contínua, tanto dos alunos quanto dos professores. Encoraja um ambiente de aprendizado dinâmico, onde o conhecimento é visto como algo sempre em construção, nunca completo ou fechado (BARROS; MUNARI; ABRAMOWICZ, 2017). Com relação conceito de corpo sem órgãos, é um conceito que desafia a organização pré-estabelecida do corpo, da psique e da sociedade,

propondo uma multiplicidade de usos e arranjos além dos definidos por estruturas sociais e biológicas. Na educação, o corpo sem órgãos inspira práticas pedagógicas que liberam potenciais criativos e disruptivos, permitindo expressões individuais e coletivas que vão além das expectativas normativas (BARROS; MUNARI; ABRAMOWICZ, 2017). Através desses conceitos, Barros, Munari e Abramowicz (2017) indicam que Deleuze convoca uma reimaginação radical da educação, onde o aprendizado não é apenas a absorção de conhecimento, mas um processo de criação e transformação, algo que requer que educadores e alunos abandonem posições fixas e se engajem em uma jornada conjunta de descoberta e inovação, reconhecendo e valorizando a diversidade de experiências e perspectivas. Nesse sentido, para Barros, Munari e Abramowicz (2017) na concepção deleuziana, a subjetividade é vista como uma construção contínua, emergindo das relações e experiências vividas. Este entendimento propõe uma educação que valoriza a criação e a experimentação, vistas como essenciais para o desenvolvimento de indivíduos capazes de pensar e agir de forma crítica e inventiva.

A educação, neste sentido, torna-se um espaço aberto à diversidade de experiências e à constante transformação, desafiando modelos educacionais que buscam padronizar o processo de aprendizagem. Ao invés disso, prioriza-se o desenvolvimento de uma subjetividade que é flexível, adaptável e capaz de responder criativamente aos desafios do mundo contemporâneo. Nesse contexto, Silva (2017) em sua dissertação procura articular a subjetividade como um processo dinâmico e em constante transformação, em oposição a uma concepção estática, o que ressoa profundamente como uma crítica contemporânea que visa desestabilizar as estruturas sociais e políticas tradicionalmente concebidas para definir e limitar o sujeito. Esta abordagem não apenas alinha Silva com correntes de pensamento contemporâneas que desafiam as noções pré-estabelecidas de identidade e subjetividade, mas também o insere em um diálogo crítico com a filosofia de Deleuze, que coloca a diferenciação e a constante devir no centro de sua teoria sobre a subjetividade. Assim, Silva (2017) aborda a subjetividade através da lente deleuziana, propondo uma revisão crítica da maneira como compreendemos o "eu" e sua relação com o mundo, enfatizando a importância da diferença, do devir e da singularidade.

É uma perspectiva particularmente relevante no contexto das discussões atuais sobre identidade, diferença e resistência, que frequentemente confrontam as limitações impostas pelas estruturas sociais e políticas. Ao fazer isso, Silva contribui para a filosofia da subjetividade além de realizar uma crítica social e política mais ampla que busca repensar e redefinir o espaço de ação e liberdade do indivíduo dentro da sociedade. Silva (2017),

portanto, vai além de uma simples análise filosófica; o autor adota uma postura política. Ao defender a subjetividade como um processo em constante transformação, Silva se opõe implicitamente a qualquer forma de determinismo ou essencialismo que busca fixar a identidade do sujeito dentro de categorias rígidas e imutáveis, o que é particularmente pertinente em um momento histórico em que as identidades são cada vez mais vistas como fluidas e multifacetadas, desafiando as concepções tradicionais de gênero, raça, sexualidade e nacionalidade.

Além disso, ao dialogar com Deleuze, Silva (2017) reafirma a ideia de que a resistência às estruturas opressivas não se dá apenas através de confrontos diretos, mas também através da criação de novas linhas de fuga, de novas formas de existência que escapam às tentativas de codificação e controle. Esta noção de resistência, fundamentada na capacidade de devir-outro, traz uma estratégia valiosa para os movimentos sociais contemporâneos que buscam não apenas contestar o status quo, mas também propor alternativas ao modelo dominante de subjetivação. Contudo, embora a proposta de Silva (2017) possa oferecer uma leitura inovadora e estimulante do conceito de subjetividade em Deleuze, ela também suscita questões críticas. Uma delas diz respeito à viabilidade prática de suas ideias num mundo ainda fortemente marcado por estruturas de poder desiguais. Como podem essas noções de subjetividade fluida e resistência através do devir ser efetivamente mobilizadas para promover mudanças sociais significativas? Além disso, ao enfatizar a fluidez e a constante transformação, corremos o risco de subestimar a persistência e a resistência das estruturas de poder existentes? Essas questões não diminuem a contribuição de Silva; ao contrário, elas mostram a relevância não só do seu trabalho para os debates atuais, mas da filosofia de Deleuze.

É assim que fazemos avançar nossa compreensão da subjetividade de uma maneira que é profundamente consonante com as preocupações contemporâneas, mas que também desafia a pensar sobre as implicações práticas e políticas dessas ideias no mundo real. Ao fazer isso, Silva (2017) convida a repensar não apenas o que significa ser um sujeito no século XXI, mas também como podemos viver de maneira ética e politicamente engajada em um mundo em constante transformação. Essa interlocução com Deleuze propõe um deslocamento paradigmático na compreensão e na prática da educação, ao rejeitar as concepções tradicionais que a enquadram em moldes estáticos e transmissivos. Deleuze, com sua filosofia do devir e da diferenciação, não apenas desafia os pressupostos convencionais sobre o conhecimento e a aprendizagem, mas também instiga a repensar a própria essência da educação como um ato criativo e transformador. Ao considerar a subjetividade como um

processo dinâmico, em constante fluxo e reconfiguração, Deleuze subverte a noção de educação como mera transmissão de saberes predeterminados. Isso implica reconhecer que o aprendizado não se restringe à assimilação de conteúdos, mas se expande na criação de novos territórios de pensamento, de novas possibilidades de existir e agir no mundo.

A subjetividade, portanto, não é um dado a ser moldado, mas 31 uma potência a ser liberada e cultivada através de processos educativos que valorizam a experimentação, a invenção e o risco. Este entendimento coloca a criação no cerne da experiência educativa. Não se trata apenas de inovar nos métodos ou nas técnicas, mas de fomentar uma cultura pedagógica que esteja aberta ao novo, ao imprevisível, ao não conformismo. A criação, nesse sentido, torna-se um vetor de desestabilização das certezas estabelecidas, promovendo um aprendizado que é, em sua essência, um processo de devir, um movimento contínuo de transformação do eu e do mundo. A pedagogia que emerge dessa visão deleuziana é aquela que privilegia a curiosidade, a experimentação e a problematização em detrimento da repetição e da memorização. Isso requer um ambiente educacional que não se limite a ser um espaço de transmissão de conhecimentos já consolidados, mas que se configure como um laboratório de criação de futuros possíveis, onde alunos e professores se engajam conjuntamente em práticas de questionamento e de invenção. Contudo, é imperativo reconhecer os desafios que essa abordagem apresenta ao contexto educacional contemporâneo, marcado por demandas por eficiência, padronização e mensuração de resultados.

A proposta de uma educação fundada na criação e na experimentação exige uma reavaliação crítica das estruturas e das finalidades da educação formal, questionando a prevalência de modelos baseados na produção de sujeitos adaptáveis aos ditames do mercado em detrimento de indivíduos capazes de pensamento crítico, autônomo e inventivo. Nesse diálogo com Deleuze, emerge uma crítica profunda ao reducionismo que frequentemente caracteriza as práticas educativas, apontando para a necessidade de uma reformulação radical que coloque a vida – em sua potência criativa e transformadora – no centro do processo educativo. Tal perspectiva não apenas enriquece a discussão sobre a finalidade e os métodos da educação, mas também convoca a uma postura ética e política que valoriza a diferença, o devir e a criação como dimensões fundamentais da experiência humana.

3.1.2. Implicações da Filosofia Deleuziana para Práticas Pedagógicas

Jódar e Gómez (2002) ao discutir o "devir-criança" sob a ótica de Deleuze, fazem uma reflexão provocativa sobre a educação contemporânea e suas potencialidades transformadoras. Ao se apropriar dos conceitos deleuzianos de "devir" e "linha de fuga", os autores propõem uma pedagogia que se afasta radicalmente das práticas educativas dominantes, caracterizadas pela sobrecodificação e pela imposição de uma "forma-homem" universal e homogeneizante.

O "devir-criança", conforme articulado por Jódar e Gómez (2002), não é um retorno ao estado infantil, mas uma estratégia pedagógica e existencial que valoriza a experimentação, a abertura ao novo e a capacidade de se desviar das normas e expectativas estabelecidas. Nesse sentido, tornar-se criança é assumir uma postura de questionamento constante, de curiosidade insaciável e de resistência criativa contra as forças de homogeneização que dominam a educação e, por extensão, a sociedade. Assim, ao enfatizar a necessidade de escapar e resistir à "forma-homem", Jódar e Gómez (2002) ecoam a preocupação de Deleuze com a sobrecodificação do campo social, onde as minorias, ao se metamorfosearem, buscam fugir do controle e da uniformização. A educação, nessa perspectiva, torna-se um campo de batalha em que estão em jogo não apenas as formas de conhecer, mas as formas de ser e de viver. É um espaço para a criação de novas possibilidades de existência, que resistem ao modo de vida capturado e às situações intoleráveis que tendem a se instalar na banalidade do cotidiano. Trata-se de uma perspectiva pedagógica que desafia a educação tradicional ao promover uma aprendizagem que é fundamentalmente ligada à vida, à mudança e à transformação contínua.

A figura da criança, aqui, simboliza não a inocência ou a falta de conhecimento, mas a potência de criação e a capacidade de invenção que desafia as formas estabelecidas de pensamento e ação. Nesse contexto, a educação deve ser concebida como um processo de devir que está sempre em movimento, sempre se tornando algo outro, em uma constante fuga das representações e identidades fixas (JÓDAR; GÓMEZ, 2002). Nesse sentido, Jódar e Gómez (2002) recorrem a exemplos literários e históricos, como o conto de Kafka e as reflexões de Walter Benjamin, para 33 ilustrar a urgência de uma educação que possibilite escapar às condições de cativeiro — seja ele físico, intelectual ou emocional — e que promova a sobrevivência cultural e espiritual. Essa educação "outra" é vista como essencial para a sobrevivência da humanidade, uma forma de resistir ao desastre e à desumanização que marcam a história contemporânea. Assim, Jódar e Gómez (2002), inspirando-se em Deleuze, convidam a uma reflexão sobre a educação como prática de liberdade e como ato político de resistência. Sua proposta pedagógica é um chamado à ação para educadores, estudantes e

todos os envolvidos no processo educativo para repensar as finalidades, os métodos e os conteúdos da educação, de modo a promover uma existência mais rica, diversa e criativa. É um convite para imaginar e construir uma "terra de nossos filhos", um mundo em que a educação esteja a serviço da vida, da alteridade e da inovação contínua. Já Tadeu (2002) apresenta uma visão inovadora sobre educação e currículo, a partir das filosofias de Deleuze e Spinoza para repensar os fundamentos pedagógicos.

Tadeu questiona a concepção tradicional de educação, organizada em torno das categorias de sujeito e objeto, propondo, em vez disso, um currículo entendido como uma arte de encontro e composição. Nesta perspectiva, o que importa não é a forma ou a substância, mas o que acontece entre os diferentes corpos que habitam o currículo, sugerindo uma abordagem educacional baseada na filosofia da diferença e no plano de imanência. Tadeu (2002) critica a ideia de começar com a "teoria" no sentido tradicional, associando-a a um plano hierárquico e transcendental, que implica uma divisão entre um plano de acontecimentos e um plano que os explica. Em contrapartida, ele propõe um plano de imanência onde "nada que, de fora ou do alto, explique ou justifique isto aqui" (TADEU, 2002, p.48). Esta abordagem rejeita qualquer dimensão suplementar que postule algo transcendente ao "isto aqui" do currículo, defendendo uma concepção de educação que emerge do e retorna ao imediato, ao vivido. A visão de currículo de Tadeu (2002) é inspirada pela noção deleuziana de plano de imanência e pelo conceito spinozista de encontro, onde o foco está na capacidade dos encontros de afetar os corpos, transformando-os.

Ele sugere que Spinoza e Deleuze, juntos, podem fazer o currículo "dançar", liberando-o das amarras da estruturação rígida e abrindo espaço para a experimentação e a criação. O currículo, portanto, não deve ser interpretado à luz desses filósofos, mas deve ser uma composição com eles, criando um espaço educacional que valoriza os processos de tornar-se e as relações dinâmicas. Tadeu propõe começar pelo "meio" do currículo, em um gesto tipicamente deleuziano que recusa hierarquizar ou ordenar, e enfatiza a composição como método. Ele cita Deleuze e Guattari (1997, p. 27 apud TADEU, 2002, p.48), afirmando que "todo conceito é uma cifra", o que se aplica também aos personagens conceituais que habitam o plano de imanência do currículo. Este ponto de vista desafia a ideia de retratos educacionais fixos e representações estáticas, propondo, em vez disso, uma abordagem heterogênea e fluida à constituição do currículo. Tadeu (2002) cria um personagem conceitual "professor", para ilustrar essa abordagem. Ele contrasta o "autor" Deleuze, que rejeita o didatismo, com o "professor" Deleuze, que se empenha em explicar, ilustrar e exemplificar, embora sem cair na armadilha da pedagogia tradicional. O professor ideal, na visão de Tadeu,

é aquele que tem "horror à pedagogia da pergunta com resposta na manga" e que promove uma pedagogia do problema, alinhada com o pensamento como fulguração, acontecimento e diferença pura (DELEUZE, 1998, p. 124 apud TADEU, 2002, p.49). Esta pedagogia do problema é central para a visão de Tadeu sobre educação.

Ela privilegia o aprender em detrimento do ensinar, situando o pensamento e a aprendizagem no encontro com o outro, na zona de não-atualização, onde emergem o impensável e o novo. Este enfoque pedagógico é exemplificado pelo personagem conceitual do Professor Challenger, que em sua conferência performática, dissolve as distinções entre forma e conteúdo, expressão e matéria, desafiando os limites tradicionais da pedagogia e do currículo. Assim Tadeu (2002) sugere que a chave para um currículo que dança sob a influência de Spinoza e Deleuze é não se levar demasiadamente a sério, promovendo uma abordagem educacional que valoriza o humor, a dissolução e a imperceptibilidade.

Uma perspectiva que representa um impulso de desterritorialização, que busca incessantemente a diferença e a transformação, em contraste com os processos de reterritorialização que buscam fixar e identificar. 35 Na mesma linha se insere a reflexão proposta por Gomes (2002) ao destacar as complexas intersecções entre a filosofia de Deleuze e Guattari e as práticas pedagógicas contemporâneas. Gomes articula, com maestria, a noção de devir animal como um vetor crítico e criativo no seio das instituições educacionais, propondo uma pedagogia que se abre para o inusitado, para o diferente, para o não-humano que habita tanto os corredores escolares quanto as subjetividades que neles perambulam.

O texto nos convida a repensar a educação sob a ótica da diferença, não como um mero processo de domesticação e normatização, mas como um espaço de potencialização das singularidades e das multiplicidades que compõem o tecido vivo da aprendizagem. Nesse sentido, Deleuze e Guattari (1995), em "Mil Platôs", desdobram a ideia de devir não como uma imitação ou identificação com o outro, mas como um processo de conexão e de ruptura com as formas estabelecidas de subjetividade, sugerindo uma constante metamorfose que desafia os limites entre humanos e não-humanos. Ao trazer essa perspectiva para o contexto educacional, Gomes (2002) não só critica as práticas educativas que buscam moldar, confinar e domesticar o animal (tanto literal quanto metaforicamente), mas também celebra as irrupções do animal no cotidiano escolar como momentos de ruptura e resistência contra as normativas opressoras da educação tradicional. Gomes (2002) cita um episódio do "canto de cachorros" durante um ato cívico, para exemplificar essa irrupção do devir-animal na esfera educacional.

Mais do que uma mera transgressão, essa manifestação dos alunos-latidos pode ser

lida como uma forma de crítica à rigidez dos símbolos nacionais e às práticas de ensino que os reforçam, sugerindo uma abertura para outras formas de expressão e de ser-no-mundo que desestabilizam as categorias humanas tradicionais. Essa leitura ecoa a proposição de Deleuze e Guattari sobre o devir como uma força que desfaz as representações dominantes e abre espaço para novas linhas de fuga e de criação. O desafio proposto por Gomes é de uma pedagogia da diferença que não apenas tolere, mas celebre e incorpore essas manifestações do devir-animal como partes integrantes do processo educativo. Isso implica uma reconsideração radical do que significa educar, aprender e viver em 36 comunidade. Ao invés de buscar eliminar ou controlar os aspectos considerados "animalescos" ou "selvagens" dentro do ambiente educacional, tal pedagogia buscaria reconhecer e trabalhar com essas energias como potenciais criativos e disruptivos que podem enriquecer a experiência educativa.

Assim, a contribuição de Gomes, situa-se na interseção crítica entre a filosofia de Deleuze e Guattari e as práticas pedagógicas, sugerindo que a educação pode se beneficiar enormemente ao se abrir para o devir-animal. Esse movimento não apenas desafia as estruturas normativas que restringem o que pode ser pensado, sentido e vivido dentro das escolas, mas também propõe uma educação mais inclusiva, criativa e viva, que acolhe a multiplicidade e a diferença como valores fundamentais.

4 CONCLUSÃO

Neste trabalho foi destacada a contribuição de Gilles Deleuze para a educação como algo que transcende a aplicação direta de seus conceitos filosóficos ao campo pedagógico. Em vez disso, sua obra proporciona uma perspectiva que desafia e reconstrói as noções tradicionais de aprendizagem, ensino e curricularidade. Deleuze, ao enfatizar a diferença, a multiplicidade e o devir, oferece um caminho para repensar a educação de uma maneira que valoriza a singularidade, a experimentação e a criação.

Este trabalho evidenciou como a aplicação do pensamento deleuziano pode inspirar práticas educacionais que se afastam dos modelos homogeneizantes e repetitivos, promovendo uma educação que é dinâmica, não linear e aberta à inovação. É essencial reconhecer a potencialidade disruptiva e transformadora dos conceitos deleuzianos para a educação, que propõem uma ruptura com as estruturas educacionais tradicionais, além de proporcionar uma concepção de educação que incentiva a construção de práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas, dinâmicas e criativas. A filosofia de Deleuze, portanto, não

apresenta um modelo pedagógico específico, mas uma orientação filosófica que desafia os educadores a repensar suas práticas, promovendo um ensino que reconhece e cultiva as potencialidades únicas de cada aluno. 37 Ao final, este estudo não busca soluções definitivas, mas sim abrir caminhos, suscitar questões e inspirar a busca por uma educação que esteja à altura dos desafios e das potencialidades do nosso tempo. A filosofia de Deleuze, assim, convida a uma constante experimentação e à criação de novos modos de existência e pensamento, ressaltando a importância de uma postura ética e política por parte dos educadores, que devem se comprometer com a criação de ambientes educacionais que não apenas tolerem, mas celebrem a diversidade e a multiplicidade de modos de ser e de aprender.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Gustavo de Almeida; MUNARI, Silvio Ricardo; ABRAMOWICZ, Anete. Educação, Cultura e Subjetividade: Deleuze e a Diferença (Education, Culture and Subjectivity: Deleuze and the Difference). **Revista Eletrônica de Educação**, v. 11, n. 1, p. 108-124, 2017.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** São Paulo, Editora 34, 279 p. 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Educação**: parte um—Deleuze e a filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- GOMES, Paola Basso Menna Barreto. Devir-animal e educação. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, 2002.
- GONTIJO, Pedro Erginaldo. Nos caminhos de uma educação por vir: ressonâncias e deslocamentos em Deleuze. 2008. 150p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.
- GUATTARI, F.; DELEUZE, G. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- HARDT, Michael. **Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia**. Editora 34, 1997.
- JÓDAR, Francisco; GÓMEZ, Lúcia. Devir-criança: experimentar e explorar outra educação. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, 2002.
- KOHAN, Walter Omar. Entre Deleuze e a Educação: notas para uma política do pensamento. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, 2002.
- SCHÉRER, René. Aprender com Deleuze. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 1183-1194, 2005.
- SILVA, Mônica Sampaio da; SOUSA, José Renato de Araújo. A filosofia na perspectiva de Gilles Deleuze. **Cadernos do Nefi**, v. 2, n. 1, p. 58-74, 2020.
- SILVA, Heitor Pereira. **A produção da subjetividade – incursões pelo pensamento de Deleuze**. 2017. 74 folhas. Dissertação do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Metafísica - Universidade de Brasília-UnB, 2017.
- TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição: Spinoza+ Currículo+ Deleuze. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, 2002.
- TORELLY, Gabriel. **Uma Educação do sentido**: Poéticas textuais. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-

Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 169 f., 2019.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães. **Deleuze-Guattarinianas:** experimentações educacionais com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1990-2013). 2014.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ANEXO
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

 Documento assinado digitalmente
LUIZ MANOEL LOPES
Data: 12/08/2026 16:55:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Data e local da assinatura eletrônica